

## De Ronald a Mário: epistolografia literária

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirhiane Mendes de Abreu<sup>1</sup> (UNICAMP)

### Resumo:

*Ao tematizar criação artística e crítica literária, a correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade permite diferentes configurações de personagens, temas e cenários do momento modernista no Brasil. O objetivo deste trabalho é tentar compreender as reflexões estabelecidas por Ronald nas suas cartas, as quais desenham um roteiro intelectual simultaneamente íntimo e coletivo: íntimo porque, ao rebater e/ou comentar as observações do seu amigo paulista, o poeta carioca expõe o seu próprio percurso criativo; e coletivo porque encontram-se nelas documentados os problemas e as estratégias de crítica e divulgação da arte vigentes no país naquele momento.*

**Palavras-chave:** Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, cartas, divulgação, modernismo

Analisar os textos de Ronald de Carvalho de maneira sistemática pode mostrar que o autor, adotando o exercício de julgamento, inscreveu seus ensaios nos princípios teóricos do seu tempo, com a finalidade, a princípio, de orientar o leitor, o que é particularidade da crítica institucional. Porém, conforme são examinados os seus mecanismos de escrita, observam-se também as razões de escrever, cujo propósito é, não somente a leitura, mas uma ação sobre a nova escrita, procurando incidir sobre a criação. Os pontos nevrálgicos do conjunto do seu ensaísmo crítico, porém, só podem ser mais amplamente compreendidos a partir da leitura da epistolografia trocada entre os intelectuais do período, especialmente com Mário de Andrade, porque, como se tem largamente defendido, a análise das correspondências permite uma visão de conjunto do movimento e, no caso de Ronald de Carvalho, pode expressar a coerência que perseguiu para estabelecer o seu projeto estético. A respeito da escrita de cartas no modernismo, diz o autor de *Macunaíma*:

Eu sempre afirmo que a literatura brasileira só principiou escrevendo realmente cartas, com o movimento modernista. Antes, com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam 'estilo epistolar', oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuetos sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura". (ANDRADE, 2002, p. 187)

O fragmento de Mário de Andrade acima transcrito é largamente conhecido e assiduamente citado para se abordar o estudo da correspondência na instauração da estética modernista. Escrito em 1939, o texto, intitulado "Amadeu Amaral", é uma espécie de memória sua e do movimento modernista. Atribuindo à carta a categoria de "laboratório" da estética e das questões que a cercavam, funcionando ainda como expressão do seu tempo, acrescida de um tom confessional e íntimo, Mário destaca a riqueza desses textos, quer para a construção do modernismo, quer para conhecimento histórico das contradições vivenciadas na época. Propunha que temas cotidianos se misturassem aos de arte com a naturalidade modernista, pela maneira anti-convencional que tanto empolgou os protagonistas do movimento. No contexto maior do ensaio de onde se origina o fragmento, o autor relata os contatos estabelecidos com Amadeu Amaral; contatos esses de natureza variada, mas sem que se conhecessem pessoalmente, por isso, explica em sua exposição "nem ele me viu nem eu o vi" (ANDRADE, 2002, p. 183). Ao narrar esses contatos, descreve as relações sociais do período, para as quais a carta foi veículo fundamental, quer para firmar posições, quer para ampliar ou dirimir contendas, pois, através delas, os missivistas se explicavam, se xingavam, discutiam obras uns dos outros mais à vontade. A invasão de elementos subjetivos, a

espontaneidade, o "eu" aberto, expresso em primeira pessoa, estão presentes nesse tipo de texto e são a sua peculiaridade. Simultaneamente, contudo, trata-se também da coletividade, especialmente porque, para lançar mão das palavras do crítico, "a literatura brasileira só principiou escrevendo realmente cartas, com o movimento modernista" (ANDRADE, 2002, p. 187).

A indicação de que epistolografia pode ser encarada como um laboratório do modernismo encontra-se igualmente em Ronald de Carvalho, para o qual as cartas eram não apenas uma espécie de laboratório de escrita, mas também o lugar onde ele poderia debater, responder a censuras, questionar e defender o seu projeto estético pessoal e coletivo e os posicionamentos que assumia. Mantendo o mesmo padrão de que lançou mão em seus ensaios, o crítico discutiu os temas e as teorias caras à estética moderna em dois tons, incluindo a reflexão sobre o romantismo e o uso da tradição: 1) o "estilo epistolar". Através dele, "cartas abertas" foram escritas, em geral, como forma de defesa de propostas e idéias suas ou coletivas, sendo mais propriamente um artigo; e 2) as "cartas de pijama", que revelam um Ronald íntimo, dirigindo-se a amigos diversos, dentre eles, Mário de Andrade. Em geral, nesse segundo tipo de correspondência, confirma-se o empenho de um intelectual dedicado ao projeto de atualização estética, ciente do seu papel para esta finalidade e que, amante das artes, expunha também a impressão que novos poemas, novas pinturas, novas artes, enfim, provocavam em seu espírito.

Em 05 de novembro de 1924, Ronald de Carvalho publica na revista *Mundo Literário* uma "carta aberta" ao "Caro amigo Dr. Freitas de Bastos" (CARVALHO, 1924, p. 28). Trata-se aqui de um "revidê", em que o remetente, mostrando-se vaidoso com seus trabalhos intelectuais, defende-se das acusações feitas pelo destinatário sobre os seus trabalhos. Como procedimento argumentativo, Ronald exibe uma síntese composta por itens, apresentando as críticas elogiosas que havia recebido. Embora o discurso seja o de um articulista, esta carta permite compreender mais acabadamente o nexos existente entre os seus diversos trabalhos. Essa congruência é perceptível também na leitura da "carta aberta" a Jackson de Figueiredo, publicada em fevereiro de 1924 na revista *América Brasileira*. Apropriadamente, a missiva intitulava-se "O que querem os modernos" e, a partir dela, estabelece que as contíguas relações entre o pensamento de Jackson de Figueiredo e os modernos seriam maiores do que aquele poderia supor. Após expressar as bases dos modernistas, afirmou:

Mas, o que combatemos nós, se não isso? Na essência, portanto, estamos de acordo, eu "futurista", segundo certos Homais conservados em álcool, e tu "clericalista ferrenho", consoante a petulância ignara de outros. O que desejamos é integrar o Brasil no Universo, libertando-se de um passadismo artificial, que não é o Passado de tradicionalismo fácil, que não é a Tradição. Tu, dentro da Igreja, acompanhado aliás de muitos dos acoimados "futuristas", e, eu, fora dela, na medida das minhas possibilidades, pretendemos, em verdade, a mesma coisa. (CARVALHO, 1924, p. 22)

Tal excerto é uma bela demonstração do espírito diplomático do autor, capaz de unir pontos de vista estéticos, religiosos e ideológicos aparentemente irreconciliáveis em prol de um objetivo comum: "integrar o Brasil no Universo", libertando o país das amarras do passado. Aqui, o tratamento imposto ao moderno abarca um tipo específico de nacionalismo, um nacionalismo que fosse cosmopolita. O novo em Ronald de Carvalho consiste em propor a universalidade da literatura brasileira e não descartava para isso a sua própria figura. Sabendo-se capaz de divulgar e influente como era, o seu papel era pertinente e necessário, porque abraçou a campanha munido de sua posição de diplomata, da sua vasta cultura, da sua própria experiência como poeta, da sua condição de crítico e conferencista renomado. A relação travada com a cultura e a sociedade política e intelectual portuguesas, ao lado da leitura atualizada sobre a tradição dão a medida do seu projeto, que se reflete na percepção da arte sua contemporânea, como as cartas podem bem testemunhar.

Ao refletir sobre o nacionalismo, o crítico não adota nenhuma forma de defesa patriótica; ele conduz a discussão no sentido de examinar a história literária e o fomento para a criação poética, quer no seu tempo, quer no passado. O tipo de explicação de Ronald de Carvalho é convincente e

recorrente, quer em seus ensaios, quer em suas correspondências, como se pode perceber em resposta à crítica que Nestor Vitor lhe dirige.

Em 1919, Nestor Vitor remete uma carta a Ronald de Carvalho a propósito do livro *Poemas e sonetos* (VÍTOR, 1919, p. 159-173). O início da carta é entusiasta: o crítico exalta o interesse do livro pela “segurança da pena” do autor, que também cultivava pensamento próprio e poder de sugestão, além de ser caracterizado pela tendência clássica. Apesar de tudo isso, a censura de Nestor Vitor apoiava-se numa grande preocupação com o nacionalismo, em sentido divergente da que se manifestou em Ronald de Carvalho. Para aquele, o grande defeito residia na influência pelas “coisas da Europa”, que o fez produzir “do romantismo para cá”, a obra mais “flagrante e ingenuamente alienígena”. Apresentando fragmentos de poemas que surpreendiam pelo “estrangeirismo maciço” representado, o crítico cobra do poeta paisagens nacionais. Mesmo com esses defeitos, o poeta Ronald de Carvalho seria o maior discípulo brasileiro dos modelos franceses e belgas. A abordagem do nacionalismo frente ao temas e sugestões importados fere certo o coração do problema teórico visado por Ronald de Carvalho, que respondeu ao que chamou de “acusações” em carta publicada na revista *América Latina*, com o título “O nacionalismo na arte” (CARVALHO, 1919, 382). A carta enfatiza o seguinte:

1) refutação do rótulo de “caráter alienígena” feita ao livro *Poemas e sonetos*, a partir do que discute particularidades sintáticas na literatura nacional, citando as inspirações e aproveitamentos de motivos importados em Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves, dentre outros;

2) o problema da paisagem européia em seu livro. Inscreve a sua pintura numa tradição arraigada na literatura desde os precursores “da nossa independência intelectual”, fazendo uma síntese dos poetas românticos de quem se sentia próximo;

3) aborda e repele o regionalismo como tema exclusivo para a nacionalidade das letras;

4) define o conceito de arte, citando longamente exemplos de livre produção nos clássicos, desde os gregos até Shakespeare. Essa definição mostra a importância da liberdade de criação e o influxo da nacionalidade: “sendo a arte a manifestação pessoal da nossa vontade criadora, deve ser livre [...]. Nós sentimos como brasileiros, é certo, mas criamos como homens” (CARVALHO, 1919, p. 383);

5) rechaça a opinião do crítico de não possuir “resistência étnica” para receber influência nacional e diz que, na sua obra, refletiu o “caos étnico” do Rio de Janeiro, cidade cosmopolita onde nasceu, e que cultivava a influência de “um sem número de correntes mentais”;

6) rechaça igualmente a posição de ser chefe de “um grupo de moços”, por ignorar a existência desse grupo;

7) afirma que, como crítico, aplaude, sempre que possível, os novos escritores dignos de admiração.

Aqui, como vemos, a exposição dos argumentos converge para a explicação da sua teoria; o nacionalismo e o cosmopolitismo são agora explanados, configurando uma visão do seu próprio impulso poético. Se poesia para Ronald de Carvalho era a liberdade no pensamento e no trato das tradições, isto significava dizer que o seu enfoque crítico era igualmente autocrítico e, portanto, essencialmente estético. Expor essa definição numa “carta aberta”, com notável discurso argumentativo, complementa bem a sua percepção sobre a funcionalidade da crítica, marcada por uma poética preocupada com a expressão, o que assinalam as correspondências trocadas entre os modernistas.

Acontece que as cartas a que Mário de Andrade se refere no fragmento mais acima citado não são as dessa natureza. Tais “cartas abertas” de Ronald de Carvalho eram também um mecanismo de defesa de um ponto de vista a respeito da arte, mas esse tema não se mistura à intimidade de quem escreve, falando ao mesmo tempo de gripes e convalescenças. A correspondência que discutia o processo de criação, acompanhada de comentários críticos ou polêmicas, como uma espécie de laboratório, somente podem ser percebidas pela leitura das “cartas de pijama”, porque dão a medida do quanto estavam enfiados no propósito de atualização da arte. Os diálogos epistolares

mostram que os escritores buscavam, dentro de seu próprio meio, interlocutores para os textos, projetos ou estudos em processo de criação, cujo objetivo reside na necessidade de receberem comentário crítico, espécie de aval ou orientação.

Ronald de Carvalho também redige "cartas de pijama", tanto para escritores estrangeiros, quanto com brasileiros, especialmente Mário de Andrade, que, no tocante à escrita de cartas, sofria — segundo escreveu certa vez para Drummond — de "gigantismo epistolar", uma "epistolomania" que via na carta firme instrumento de ensinamento para sua geração (ANDRADE, 1988, p. 76). O cotejo da correspondência de Ronald de Carvalho a Mário com o seu conjunto de ensaios críticos permite uma compreensão mais detalhada da noção de crítica e dos "arquivos da criação" que instigaram a figura do crítico e do poeta. Em "Uma ciranda de papel", Telê Ancona Lopez refere-se aos "arquivos da criação" como um dos eixos do estudo de correspondências e que, entrando no âmbito da crítica genética, revelam itinerários de trabalhos dos poetas, romancistas, músicos, artistas plásticos, dentre outros (GALVÃO & GOTLIB, 2000, p. 281). Nessas cartas, Ronald desenvolveu importante reflexão acerca da constituição de um projeto para o modernismo brasileiro. Desembaraçado e oferecendo informações privadas, o missivista revela uma espécie de súplica dos princípios teóricos inscritos no seu ensaísmo e coloca em termos práticos a consciência do papel que exercia como difusor do modernismo no Brasil e no exterior:

Afinal, o embarque! Deixo com melancolia, embora por um momento, mercê de Deus, a nossa batalha. Queria dizer-te uma porção de cousas, mas o mundo de saudades que me enche o coração pesa demasiadamente sobre o meu espírito. Vou para outra batalha, certo de que esse duro sacrifício vai refletir de algum modo sobre a nossa Causa Modernista! (CARVALHO, 1923)

Em 1923, data do início da correspondência de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade, o nome de ambos os escritores possuía grande destaque no cenário intelectual brasileiro. Ronald, o autor das missivas, era premiado pela Academia Brasileira de Letras, conferencista renomado, articulista do periódico carioca *O Jornal*, historiador da literatura brasileira e diplomata. No fragmento acima citado, extraído da primeira das cartas, datada de 25 de maio de 1923, Ronald de Carvalho despede-se do amigo e demais companheiros do modernismo, quando de partida para o México. Ao se referir à "Causa Modernista", emprega termos como "luta" e "batalha", concedendo à atuação dos intelectuais um caráter missionário, traduzindo bem o desejo de um grupo disposto a construir o país. Perpassa na carta, ainda, uma leve ironia, ao enviar um abraço para "Menotti, Tácito, Guilherme, Luís Aranha, Couto de Barros, toda essa Corja Ilustre que salvará o Brasil." E adiciona entre parênteses: "(Todos nós, desde o descobrimento, estamos a salvar o Brasil!)". Ao aproximar os termos *corja* e *ilustre*, o missivista incorpora bem o ímpeto de um grupo determinado a difundir novas idéias, antes díspares, sistematizando o princípio da "batalha", termo que empregou ao se referir ao movimento modernista e à tarefa imposta aos amigos de "salvar o Brasil". No esforço de se construir um programa inovador para a literatura e para o país, o missivista credita a si a capacidade de angariar esforços para a luta e, sob esse ângulo, julga que sua partida para uma outra luta pudesse "refletir de algum modo sobre a nossa Causa Modernista!".

Nesse tom assim amigável, que tem o combate como tema e a intimidade como forma, Ronald de Carvalho fala brevemente do poema "Carnaval Carioca", que foi publicado no livro *Clã do Jabuti*. Diz o autor:

Ainda estou sob o sortilégio do teu Carnaval. Podes confiar na beleza dessa obra, onde a pura miséria cotidiana se mistura com a mais límpida intuição estética. Salvo pequenas passagens, em que eu desejara menos eloquência e mais Poesia [...] todo o poema é uma frescura de almas desnevas. (CARVALHO, 1923)

O desafio da "Poesia" e a "intuição estética" parecem projetar-se como valor por excelência. De passagem, um suave estilo modernista apresenta-se nesse comentário, procurando encontrar solidariedade entre o poema e as cláusulas programáticas do movimento, quando diz desejar "menos eloquência e mais Poesia". Esse trecho talvez seja um bom exemplo do bom trânsito entre

carta e crítica, porque imprime uma concepção de arte marcada pelo fluir da pena, como se vê pela impressão causada nele pelo poema. Trata-se de um discurso que explicita uma espécie de memória da recepção do poema de Mário de Andrade, marcada pela cumplicidade entre os amigos.

Vistas no conjunto, essas cartas vão muito além da discussão sobre as formas do novo lirismo para, aprofundando criticamente as perspectivas, discorrer sobre a amizade na instauração das bases do movimento e as diversas redes de sociabilidade cultivadas no momento (VELLOSO, 2006). A correspondência de Ronald a Mário é uma espécie de memória do diálogo aberto entre eles e atinge, como força expressiva, o papel testemunhal do Ronald crítico. Fazendo convergir para esse espaço personagens, situações, confrontos e ambiência histórica, as missivas trabalham enfaticamente na forma da apresentação, preocupa-se com a exposição dos argumentos e documenta os laços de amizade e o prazer em estarem juntos, como fala sobre a ausência do paulista durante o carnaval de 24: "Não te perdôo o carnaval aguido que passei. Todos os vinhos ficaram aguidos nas garrafas. [...]" (CARVALHO, 1924), reclama. Essa cumplicidade social revela, além da intimidade, o desejo de tornar mútuo o exercício crítico. Isso se vê, por exemplo, em carta de 28 de maio de 1923, quando Ronald, amofinado por Mário de Andrade ter adiado viagem ao Rio ("o chá esfriou na mesa por tua causa") e pela impossibilidade de oferecer ao amigo o livro *Jogos Pueris* ("Guardei os Jogos para entregar a você"), refere-se a Renato Almeida como novo portador do livro. No texto "Razão e sensibilidade, o tema da amizade na escrita modernista", Mônica Pimenta Velloso mostra que essa fala relacional constituiu-se como necessária na instituição do modernismo, acrescentando o quanto o registro epistolar estabeleceu os seus vínculos com a emoção e a espontaneidade (VELLOSO, 2006).

Para Ronald de Carvalho, a amizade organizava a conversa, mas o tema sempre visava a destacar as linhas mestras das suas concepções estéticas e artísticas. E esse tema permite que voltemos para o início da análise das cartas nesse texto, quando se expunha a Causa Modernista, conforme Ronald de Carvalho a encarava. Na carta de 24 de setembro de 1923, Ronald escreve entusiasticamente a Mário, descrevendo a viagem feita ao México, onde realizou muitas conferências. O leitor não se cansará de encontrar nessa missiva a imagem de "luta", "combate", "batalha" como referência ao movimento que ambos, cada um a seu modo, lideravam: "com a boca cheia do nosso Brasil, estou de novo aqui, com o martelo na mão para lutar", bradava na correspondência. Essa luta, se para Mário equivalia ao exercício doutrinador, para Ronald tinha o papel da divulgação, que ele fortemente abraçou através das inúmeras conferências que proferia: "Minhas conferências: um turbilhão! Mais de mil pessoas em cada uma". E, reafirmando o afeto nutrido pelo amigo, indaga: "Como vamos de Arte? Mande as novidades. [...] Onde está a Klaxon? Sabes que há no México eméritos colecionadores da nossa Revista?"

Como se vê, Ronald de Carvalho se envolveu com a arte moderna, assumindo a pluralidade que essa arte favorecia; pluralidade essa que, no seu caso, significava difundir sistematicamente seus pressupostos. Contudo, Mário de Andrade não compartilhava do mesmo ponto de vista. As referidas conferências no México foram reunidas pelo próprio autor no livro intitulado *Estudos Brasileiros*, o qual endereça a Mário de Andrade, conforme demonstra a carta de 15 de setembro de 1924. Esse diálogo epistolar é um fragmento de um todo. Para recompor a sua vitalidade no interior da convivência entre Ronald e Mário e dos propósitos que os unia, é preciso incorporar a esse complexo material a correspondência entre Mário de Andrade a Manuel Bandeira a respeito, pelo menos, do livro *Estudos brasileiros*:

Ora, o Ronald me mandou os *Estudos brasileiros* e eu com toda esta abundância de coração disse-lhe o que sentia do livro. Acho o livro fraquíssimo. Começa pela empáfia do título. *Estudos brasileiros* implica qualquer coisa a mais do que já dito. Ora, o livro não passa de uma vulgarização que ainda por cima é sintética em vez de analítica. Logo: livro escolar. [...] Eu tenho o Ronald pela inteligência mais harmoniosa que conheço. É. O Ronald, além da poesia em que já é magistral, pode fazer na prosa qualquer coisa de mais duradouro que vulgarizações literárias. (MORAES, 2001, p. 135-136)

Em 13 de outubro do mesmo ano, a resposta de Manuel Bandeira vale-se, ressalvadas, das mesmas opiniões, acentuando, em Ronald, um ar didático, capaz de ordenar um raciocínio, mas não de descortinar novos problemas. Cobravam dele uma ação mais modernista, isto é, uma leitura mais condizente com a desejada atualização das letras nacionais. Acontece que, para Ronald, a divulgação era a sua "batalha". Por isso, ao contrário do modo como o viram Mário de Andrade e Manuel Bandeira, o crítico carioca teria se identificado com as idéias de vanguarda pelo seu pragmatismo e por fornecer ao conjunto cultural da época um comportamento de larga eficácia social, que seria oriundo justamente desse papel de divulgador, em função do qual a conferência tornava-se essencial. Ronald de Carvalho soube compreender o sentido sócio-político da sua função e, para isso, encarou a promoção do novo ideário artístico brasileiro sob a ótica de uma missão, como já vinha fazendo desde 1914-15 com os companheiros portugueses interessados em difundir e construir o modernismo em Portugal.

As cartas de Ronald a Mário estão atreladas ao conjunto do pensamento crítico modernista, porque abarcam desde assuntos concernentes aos dilemas editoriais, sem a inflexão de um texto institucional, até a avaliação dos poemas, seja sob a forma da recepção ("Ainda estou sob o sortilégio do teu Carnaval"), seja sob os temas neles contidos. Nesse caso, convém cotejar as idéias a respeito do nacionalismo e liberdade criadora discutidas por Ronald de Carvalho com Nestor Vítor e, agora, com Mário de Andrade:

Tens todo um Brasil metido na alma, um Brasil que já me faz saudade do Brasil, e que eu levarei para fora com as minhas cuias de Aracaty e sarapes de Querétaro. Que diabo fazes tu, Mário, para inventar tanta coisa, como aquele "piá brincabrilando", e aquela "preta gorda manquitola ver peixe-boi", tanta coisa que tem cheiro de água, de manhã, quando a gente começa a respirar o dia. Estou louco para ver o resto do teu livro. Ainda me lembro de um Poema Acreano, que o Guilherme leu, e que tem um mistério longo, longo, de melancolia e orgulho brasileiro. Esse teu Acreano é das coisas mais profundas que inventaste.

Escrita em 09 de setembro de 1925, essa carta dispensa as formalidades discursivas e uma exposição acadêmica dos argumentos, mas elabora, com a franqueza própria de amigos, o mesmo debate em torno da criação e do nacionalismo em arte, conservando as mesmas opiniões que expôs, em 1919, na "carta aberta" a Nestor Vítor. Na continuidade dessa carta, Ronald discute o processo de criação de Mário de Andrade e, a propósito de *Losango cáqui*, expõe suas considerações sobre a arte moderna:

Descobriste um caminho na tua poesia, um caminho perigoso para qualquer outro que não tenha o teu sentido psicológico dos seres e até das próprias cousas. Chamei a tua descoberta "lirismo do real", e, sem a menor pretensão metafísica, parece que estou certo. A penetração contínua da realidade no teu movimento criador, dá-lhe uma riqueza de substância maravilhosa. Já reparaste o que há de disciplina cerebral em quase todos os poemas do *Losango*? [...] Quando a gente consegue fracionar um instante da realidade com essa prodigiosa perfeição, pode dizer que encontrou a poesia. [...] A arte moderna não tem por fim contar nem descrever. A arte moderna é puramente a emoção circunstancial. E dessa emoção está cheio todo o teu livro. Uniste aos elementos puros - formas, volumes, cores, sensações - a avidez da tua profunda inteligência. (CARVALHO, 1925)

O fragmento é longo, mas justifica-se por estar impregnado do seu projeto de crítica: tenta compreender o mecanismo da poesia de Mário de Andrade, abordando a sua característica principal ("lirismo do real"), o domínio da técnica ("disciplina cerebral") e, ainda, conceitua a arte moderna ("puramente a emoção circunstancial"). Em "Os independentes de S. Paulo" (CARVALHO, R. 1972), faz coincidir a mesma percepção sobre a arte em geral e a poesia de Mário de Andrade em particular, em virtude da sua capacidade de traduzir as impressões oferecidas pelos processos materiais, sugerindo-as. Essa capacidade de fazer fundir nos versos as representações plásticas faria de Mário um poeta social, como Whitman. Em diversas ocasiões da epistolografia literária de

Ronald a Mário, o "sentido" poético é retomado, seja na forma do testemunho das impressões, como se falou acima, seja pela percepção de um grupo para "salvar o país", como ele dizia. Por "salvar", Ronald entendia atualizá-lo pelas pesquisas, pela compreensão moderna do passado e pela autocrítica inserida no interior da criação. O escritor assume, para isso, os riscos de valorizar a síntese e a expressão mais acessível. Se pensarmos na expressiva reprodução de ensaios que têm por tema a nacionalidade em periódicos, vemos que ele apostou mesmo, com a força de quem estava convicto, na idéia de que salvar o país era equivalente a dar ele a universalidade e a cara própria.

Ronald de Carvalho abraçou contundentemente a causa modernista. Se, do ponto de vista estético, incorporou espontaneidade ao discurso acadêmico, sem a provocação dos mais belicosos atuantes do movimento, essa configuração do seu estilo era proposital, consciente e em conformidade com seus propósitos transformadores da nova arte e da conjuntura cultural como um todo. Por outro lado, na intimidade das cartas, aquelas escritas "de pijama", para voltarmos à imagem criada por Mário, Ronald assemelhou-se estilisticamente a artistas contemporâneos, ao mesmo tempo em que incidia mais enfaticamente sobre o móvel da criação poética, a essência das suas inquietações críticas. Nesses termos, seja na história literária, seja nos ensaios, seja nas cartas, o seu projeto estético é fiel ao seu projeto político e, ainda, às suas inquietações como poeta. As normas que regeram a sua prosa ensaística regiam também à criação pessoal. Ao refletir sobre os caminhos da escrita do outro, Ronald revê seus próprios caminhos, seus próprios dilemas poéticos e de comprometimento político com a atualização da cultura nacional. Mas, para ele, àquela altura, o procedimento que urgia era mesmo o caminho da divulgação, pois encarava o problema da comunicabilidade como um dos princípios diretivos do seu trabalho, perseguido através dos diversos matizes da atividade de ensaísta, o que inclui a correspondência, em que se percebe uma direção fiel aos princípios teóricos do seu tempo.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002
- [2] \_\_\_\_\_. *A lição do amigo, cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1988
- [3] CARVALHO, Ronald. "O nacionalismo em arte". In: *América Latina – Revista de Arte e Pensamento*. Ano I, nº 3, outubro-novembro de 1919
- [4] \_\_\_\_\_. "Os independentes de S. Paulo". In: BATISTA, Marta e outros. *Brasil: 1º tempo modernista*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972
- [5] \_\_\_\_\_. "O que querem os modernos". In: *América Brasileira — Resenha da atividade nacional*. Rio de Janeiro, fevereiro de 1924
- [6] \_\_\_\_\_. Cartas a Mário de Andrade. In: Fundo Mário de Andrade, série: Correspondência, sub-série: Correspondência passiva, do IEB, 1923-1925
- [7] GALVÃO, W. N. & GOTLIB, N. B. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2000
- [8] MORAES, Marcos Antônio (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2001
- [9] VELLOSO, Mônica Pimenta. "Razão e sensibilidade: o tema da amizade na escrita modernista ". In: *Nuevo Mundo. Mundos Nuevos*, Coloquios, 2006. [on-line]. Posto on-line em 16 de março de 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org//index1919.html>
- [10] VÍTOR, Nestor. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1919

---

**Autora**

<sup>1</sup>**Mirhiane Mendes de ABREU, Prof<sup>a</sup>. Pós-Doutoranda**  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
[mirhiane@uol.com.br](mailto:mirhiane@uol.com.br)